



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I  
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

**PATRÍCIA ALVARENGA MELQUÍADES**

**UNIÃO AUXILIADORA CONGREGACIONAL E A PRÁTICA DAS  
MULHERES NA IGREJA EVANGÉLICA CONGREGACIONAL  
CENTRAL DE CAMPINA GRANDE (2010-2018)**

CAMPINA GRANDE-PB  
2019

**PATRÍCIA ALVARENGA MELQUÍADES**

**UNIÃO AUXILIADORA CONGREGACIONAL E A PRÁTICA DAS  
MULHERES NA IGREJA EVANGÉLICA CONGREGACIONAL  
CENTRAL DE CAMPINA GRANDE (2010-2018)**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)  
apresentado ao Departamento de História  
da Universidade Estadual da Paraíba  
como requisito parcial à obtenção do título  
de licenciada em História

Orientador: Prof. Dr. Matusalém Alves Oliveira.

CAMPINA GRANDE-PB  
2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M528u Melquiades, Patrícia Alvarenga.

União Auxiliadora Congregacional e a prática das mulheres na Igreja Evangélica Congregacional Central de Campina Grande (2010-2018) [manuscrito] / Patricia Alvarenga Melquiades. - 2019.

21 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2019.

"Orientação : Prof. Dr. Matusalém Alves Oliveira , Coordenação do Curso de História - CEDUC."

1. Estudo de gênero. 2. História cultural. 3. Igreja evangélica. 4. Mulher. I. Título

21. ed. CDD 907.2

**FICHA CATALOGRÁFICA**

**PATRÍCIA ALVARENGA MELQUIADES**

**“UNIÃO AUXILIADORA CONGREGACIONAL E A PRÁTICA DAS MULHERES NA  
IGREJA EVANGÉLICA CONGREGACIONAL CENTRAL DE CAMPINA GRANDE (2010-  
2018)**

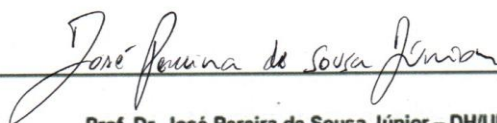
Monografia apresentada ao Departamento de História da  
Universidade Estadual da Paraíba como pré-requisito para a  
obtenção do título de licenciada em História.

Aprovada em: 10/02 2019.

**BANCA EXAMINADORA**



**Prof. Dr. Matusalém Alves Oliveira – DH/UEPB**  
ORIENTADOR



**Prof. Dr. José Pereira de Sousa Júnior – DH/UFRN**  
EXAMINADOR



**Profa. Dra. Patrícia Cristina de Aragão Araújo- DH/UEPB**  
EXAMINADORA

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO .....	5
2	HISTORIOGRAFIA PROTESTANTE E HISTÓRIA CULTURAL DAS RELIGIÕES: ABORDAGENS DE GÊNERO .....	6
2.1	Da história das mulheres as questões de gênero: estudos sobre a mulher na religião protestante no Brasil .....	9
3	MULHERES CONGREGACIONAIS E SUAS PRÁTICAS NA UNIÃO AUXILIADORA CONGREGACIONAL .....	12
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	18
	REFERÊNCIAS.....	19
	APÊNDICE A: QUESTIONÁRIO PARA ENTREVISTA .....	21

# UNIÃO AUXILIADORA CONGREGACIONAL E A PRÁTICA DAS MULHERES NA IGREJA EVANGÉLICA CONGREGACIONAL CENTRAL DE CAMPINA GRANDE (2010-2018)

Patrícia Alvarenga Melquíades<sup>1</sup>

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo principal compreender as práticas das mulheres na Igreja Evangélica Congregacional Central de Campina Grande entre os anos de 2010 e 2018. Para tanto buscaremos, analisar a União Auxiliadora Congregacional, identificar as atividades desenvolvidas na UAC e investigar como as mulheres congregacionais desenvolvem suas práticas. Faremos uso de entrevistas com a presidente e vice-presidente da UAC. Neste sentido nos foi útil a abordagem metodológica para o trabalho com fontes orais, a partir de Alberti (2008) bem como e do aporte teórico do campo da História Cultural das Religiões e dos Estudos de Gênero para discutir sobre as relações entre a mulher evangélica e a religião.

**Palavras-chave:** Estudos de Gênero. História Cultural das Religiões. União Auxiliadora Congregacional

## ABSTRACT

The main objective of this paper is to understand the practices of women in the Central Congregational Evangelical Church of Campina Grande between 2010 and 2018. To this end, we will seek to analyze the Congregational Auxiliary Union, identify the activities carried out in the UAC and investigate how congregational women develop. your practices. We will use interviews with the president and vice president of UAC. In this sense, the methodological approach to working with oral sources from Alberti (2008) was useful, as well as from the theoretical support of the field of Cultural History of Religions and Gender Studies to discuss the relationship between the evangelical woman and the religion.

**Keywords:** Gender Studies. Cultural History of Religions. Congregational Auxiliary Union

---

<sup>1</sup> Graduanda em História pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

## 1 INTRODUÇÃO

Segundo reportagem da Pública- Agência de Jornalismo Investigativo, intitulada “Mulheres virtuosas: obediência e submissão é o que se espera das mulheres evangélicas, que têm na ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos sua maior propaganda” o último Censo Demográfico, do ano de 2010, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) registrou que as mulheres são maioria da população evangélica do Brasil. De um total de 42,3 milhões de pessoas declaradas evangélicas, cerca de 55,57% são mulheres.

Um percentual que equivale a cerca de 23 milhões de mulheres, um número expressivo, próximo da metade de todo o grupo que se declara evangélico no país. Neste sentido, o número apresentado pelo Censo Demográfico, fez com que indagássemos sobre a participação da mulher na religião evangélica, mas especificamente qual a participação da mulher dentro da Igreja Evangélica Congregacional Central de Campina Grande?

Como parte de um projeto de extensão da religião, a Igreja Evangélica Congregacional Central de Campina Grande, foi fundada na cidade na década de 1920, sendo a primeira igreja congregacional da cidade. Estruturada em diretorias e departamentos, a instituição religiosa possui dentro da sua organização a União Auxiliadora Congregacional (UAC) grupo composto por mulheres e no qual nos debruçamos para compreender as práticas das mulheres na Igreja Evangélica Congregacional Central, pois foi na UAC que identificamos um espaço para as mulheres na igreja. Para tanto, tivemos como objetivos específicos, analisar a União Auxiliadora Congregacional e como identificar as atividades desenvolvidas na UAC e investigar como as mulheres congregacionais desenvolvem suas práticas.

Neste sentido, foram realizadas entrevistas com a senhora D. de 61 anos e a senhora M. de 50 anos, respectivamente presidente e vice-presidente da União Auxiliadora Congregacional. Fizemos uso portanto, da metodologia da história oral, que segundo Alberti (2008) é “uma metodologia de pesquisa e de construção de fontes para estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador a fita”. (ALBERTI, 2008, p. 155). Ainda segundo Alberti (2008) às possibilidades e especificidades da História Oral, se desdobram entre o preparo da entrevista, o contato com os entrevistados, a gravação, transcrição, revisão e análise das entrevistas, além de que ela pode ser usada para “o estudo de padrões de socialização e de trajetórias de indivíduos e grupos pertencentes a diferentes camadas sociais, gerações, sexos, profissionais, religiões etc”. (ALBERTI, 2008, p, 166)

Sendo assim, na primeira parte “História Cultural das Religiões e Historiografia Protestante” da primeira seção “Historiografia protestante e os Estudos de Gênero” debatemos mediante levantamento bibliográfico, o desenvolvimento dos estudos do campo História Cultural das Religiões e da historiografia protestante. Posteriormente discutimos na segunda parte “Da história das mulheres as questões de gênero: estudos sobre a mulher na religião protestante no Brasil” os estudos sobre as mulheres na religião protestante no Brasil, através das produções acadêmicas da década de 2000.

Na segunda seção, “Mulheres congregacionais e suas práticas na União Auxiliadora Congregacional” inicialmente abordamos um pouco da história da Igreja Evangélica Congregacional Central de Campina Grande, do surgimento e desenvolvimento da União Auxiliadora Congregacional, e as práticas das mulheres da igreja, através das atividades desenvolvidas na UAC.

## 2 HISTORIOGRAFIA PROTESTANTE E HISTÓRIA CULTURAL DAS RELIGIÕES: ABORDAGENS DE GÊNERO

Os estudos históricos sobre religiões que abordam as questões de gênero, são recentes e só são possíveis na contemporaneidade a partir da emergência da História Cultural das Religiões, na década de 1990 na Europa. Para compreensão da construção desse campo da história é necessário atentarmos para o caminho percorrido pela escrita da história das religiões.

Referenciando o historiador Sérgio da Mata, José Leandro Peters (2015) afirma que a primeira pretensão historiográfica religiosa ocorreu na Antiguidade a partir dos escritos de Eusébio Casarréia, que inseriu o mito em sua escrita não separando as questões eclesiásticas das questões políticas.

Segundo Peters (2015) o período medieval, devido ao contexto de poder da igreja Católica, produziu uma historiografia da religião eclesiástica, sobre a instituição e elaborada por seus próprios membros. No século XVI as guerras religiosas possibilitaram críticas a essa história eclesiástica, que, acusada de intolerante, foi confrontada pelo livro “História Imparcial da Igreja e das Heresias (1699-1700)” do teólogo luterano e historiador Gottfried Arnold. Nessa obra, o autor propõe que se atribua importância as questões subjetivas da vida religiosa e uma análise imparcial das fontes, fabricando uma historiografia pragmática.

Entre os séculos XVII e XVIII, a história eclesiástica se insere na universidade alemã como disciplina, adquirindo função metodológica, segundo Peters (2015) por influência de Johann Lorenz Mosheim, que sugeriu na época, um tipo de história eclesiástica isenta que objetivasse dizer como e porque os fatos ocorreram.

Durante a primeira metade do século XIX, a escrita da história da religião estava inserida nos estudos teológicos divididos entre uma história da Igreja dogmática e uma teologia sustentada pelos saberes da ciência. Peters (2015) afirma segundo Da Mata (2010) que a inserção da filologia pelo estudioso bíblico Julius Wellhausen, nos estudos teológicos, foi nesse período, um diferencial para a historiografia da religião.

Na segunda metade do século XIX, o teólogo alemão Adolf Von Harnak, acreditava que a religião deveria ser analisada através dos estudos históricos, porém, esta abordagem, não poderia substituir a teologia, pois isto significava abdicar da importância do cristianismo, em sua ótica, um segmento religioso superior aos demais. Em oposição a Von Harnak, o cientista religioso Max Muller, propôs a diferenciação entre os estudos teológicos e a história eclesiástica, alegando que o contexto de liberdade religiosa na Europa, possibilitava o alargamento da história eclesiástica para história das religiões. Nesse sentido, a história das religiões passa a englobar o estudo de diversos segmentos religiosos. Esse estudo se caracterizava, segundo Peters (2015) como evolutivo, analisavam do surgimento das religiões até as suas institucionalizações.

Conforme Peters (2015) no século XX, os estudos históricos sobre as religiões, passam a ser elaborados relacionados aos aspectos das mentalidades, das sociedades e das subjetividades, quebrando com o sentido evolutivo do estudos. Johan Huizinga, Marc Bloch, Emile Durkheim, Rudolf Otto, Gerardus Van der Leew e Raffaele Pattazoni são estudiosos que destacam nesse sentido.

O contexto da Reforma Protestante na Alemanha e na Holanda, permitiu segundo Da Mata (2010) citado por Peters (2015) que no início do século XX, o historiador Johan Huizinga, ministrasse aulas sobre a Reforma, o Budismo, e o Islamismo. Outra contribuição importante de Huizinga diz respeito a abordagem das



religiões através de aspectos culturais, como a análise das mentalidades dos períodos históricos. Seu livro “O outono da Idade Média”(1919) que busca estudar a sociedade analisando a mentalidade da época, é um exemplo.

De acordo com Peters (2015) fazendo uso de metodologia semelhante, o historiador Marc Bloch, escreve “Os Reis Taumaturgos” (1924). No livro, Bloch propõe uma análise do poder absolutista dos reis através do poder curativo atribuído a eles, observando como esse poder era tão significativo quanto os fatores administrativos, jurídicos e financeiros da monarquia. Para o sociólogo Emile Durkheim, religiões não deveriam ser classificadas entre verdadeiras e falsas, superiores e inferiores, pois todas são “representações do social”. O teólogo Rudolff Otto e o historiador Gerardus Van der Leew propunham que as experiências religiosas fossem analisadas de acordo com as subjetividades.

Em 1924 o historiador italiano Rafael Pettazzoni, apontou que as religiões precisam ser estudadas de forma plural e que esses estudos se modificassem de acordo com cada religião que fosse analisada, recusando a ideia de um modelo único de estudo. Consoante Bellotti (2011), Peters (2015) afirma que o trabalho desenvolvido por Pettazzoni se assemelha as propostas da Nova História Cultural elaboradas entre as décadas de 1970 e 1980, que buscavam explicar as experiências religiosas a partir das questões sociais.

A influência da Nova História Cultural, junto ao desenvolvimento dos estudos sobre religiões iniciados na primeira metade do século XX possibilitaram o surgimento da História Cultural das Religiões na década de 1990 que conforme Peters (2015, p.95):

Esse ‘novo’ conceito propunha ao historiador das religiões uma maneira diferente de abordar o objeto histórico. A proposta era aplicar ao estudo histórico das religiões as práticas de pesquisa que vinham sendo incorporadas aos estudos da chamada história cultural. Conceitos como o de representação; poder simbólico e apropriação passaram a ser incorporados aos estudos de cunho histórico da religião enriquecendo demasiadamente os trabalhos.(Peters, 2015, p.95)

Nesse sentido os/as historiadores/as da história cultural das religiões, ao se apropriarem dos conceitos e abordagens da história cultural, devem problematizar as práticas religiosas, as compreendendo como práticas sociais, resultantes de construções históricas, que trazem consigo intencionalidades e especificidades de cada espaço tempo em que são analisadas.

Portanto, a ênfase no conceito de religiões, em detrimento do conceito de religião, se intensifica, não sendo mais apropriado assinalar as diferenças entre as práticas religiosas como superiores e inferiores.

Segundo Peters (2015) o campo da história cultural das religiões, propicia o estudo das religiões através da análise das práticas cotidianas. O historiador explica a partir da ideia de “ortoprática” de Nicolas Gasbarro a possibilidade e analisarmos as práticas religiosas a partir do cotidiano dos indivíduos, compreendendo estas como linhas de fuga da ortodoxia.

A produção historiográfica sobre o protestantismo no Brasil, ainda é escassa. Segundo Bertome de Oliveira Sousa, os primeiros estudos sobre o protestantismo no país, pertencem ao campo das Ciências Sociais e datam do século XX. Enquanto que os estudos históricos emergem a partir da década de 1960. Até essa década o conhecimento produzido sobre a temática era produzido por clérigos. Apresentando

uma característica hagiográfica, esses estudos possuíam uma narrativa descritiva e cronológica sobre os fundadores da religião no país.

O historiador francês Emille G. Leonard, em sua obra O “Protestantismo Brasileiro” foi um dos primeiros a abordar a religião através de uma pesquisa documental, fazendo uso de um método de investigação histórico. Na obra, o historiador discute sobre as primeiras missões estrangeiras que chegaram ao Brasil, a reação católica e os impasses causados dentro do protestantismo devido a separação e fundação de igrejas de diversos segmentos.

Segundo Sousa (2015) na década de 1970 importantes estudiosos/as das Ciências Sociais como Cândido Procópio Ferreira de Camargo, Regina Novaes, Beatriz Muniz de Souza, Francisco Cartaxo Rolim e Rubem Alves, iniciam pesquisas sobre o protestantismo no Brasil, abordando os temas do protestantismo de missão e do pentecostalismo, realizando pesquisas de campo, utilizando documentação histórica e aportes teóricos- metodológicos da Sociologia. Neste período também surgem o Instituto de Estudos da Religião (ISER) e a Comissão de estudos da História da Igreja na América Latina e no Caribe (CEHILA).

Na década de 1980 o teólogo Antonio Gouveia de Mendonça publica sua tese “O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil.” Conforme Sousa (2015) a obra analisa a influência do protestantismo norte-americano, impulsionado para vários países do mundo, incluindo o Brasil, pela Doutrina do Destino Manifesto. O historiador destaca que partindo desse ponto, o teólogo explica o desenvolvimento do protestantismo de missão no século XIX, os enfrentamentos entre protestantes e católicos, as dificuldades de implantação do protestantismo no sertão do país devido ao analfabetismo e as dificuldades de locomoção para aquela região. O denso estudo, teve como base a pesquisa bibliográfica e documental, e o uso dos hinários das igrejas como fonte.

Como aponta Sousa (2015) o itinerário histórico da religião na obra, está dividido cronologicamente em quatro partes. A primeira, de 1824 a 1916, narra a chegada das missões norte-americanas e europeias, seu processo de estabelecimento, e a questão da conversão para civilização, que se tornou um impasse pela existência da sociedade escravocrata brasileira. A segunda parte de 1916 a 1952, discute o “Projeto de Cooperação e Unionismo” ao tratar da comunhão entre igrejas protestantes de diferentes segmentos. Entre 1952 a 1962 o teólogo aborda a introdução de novas tendências teológicas no Brasil entre elas as relacionadas as questões da experiência religiosa, trazidas por jovens universitários pertencentes a classe média. A quarta parte, de 1962 a 1983, período da Ditadura Civil-Militar, aborda a repressão sofrida pelos protestantes de ideias liberais por parte dos setores conservadores das igrejas, que relacionavam a questão do ecumenismo ao comunismo. Muitos dos perseguidos eram jovens seminaristas e pastores, que chegaram a ser expulsos de algumas instituições religiosas. Por fim, o autor conclui que devido a intervenção do protestantismo de missão norte-americano no Brasil, não é possível afirmar a existência de um “protestantismo genuinamente brasileiro”.

No final da década, em 1989, os antropólogos Roberto da Matta, Rubem César Fernandes, o psicólogo Carlos Rodrigues e a socióloga Maria Isaura Pereira de Queiroz, publicam o livro “Brasil & EUA: religião e identidade nacional.” O estudo interdisciplinar, reúne textos que discutem como as religiões, entre elas a protestante, estão relacionadas com a formação das identidades. É notável nesse contexto a escolha de uma abordagem cultural, para o desenvolvimento dos estudos sobre o protestantismo.

Como mencionado, a Nova História Cultural contribuiu para o surgimento da História Cultural das Religiões, nas décadas de 1990 e 2000. Uma de suas características é a interdisciplinaridade, mediante diálogo estabelecido entre os saberes das Ciências Humanas e Sociais.

Nesse sentido, Sousa (2015) destaca importantes produções sociológicas para a compreensão do protestantismo no Brasil, que são indispensáveis para historiadores/as estudiosos/as da temática. São eles: “Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo” (1994) de Alberto Antoniazzi, “A realidade social das religiões no Brasil” (1996) dos sociólogos Antônio Flávio Pierucci e Reginaldo Prandi e “Os pobres e o espírito santo: o pentecostalismo no Brasil” (1996) organizado por André Corten e Mariana Nunel Ribeiro Echalar e “Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil” (1999) de Ricardo Mariano.

Da década seguinte são destacadas as produções: “Matriz religiosa brasileira: religiosidade e mudança social” (2003) de José Bittencourt Filho. No livro o filósofo afirma que a diversidade cultural advinda das religiões indígena, europeia e africana, resultou na fabricação de uma matriz religiosa, que influi no desenvolvimento do pentecostalismo e do neopentecostalismo no Brasil. “Novas perspectivas sobre o protestantismo brasileiro: pentecostalismo neopentecostalismo” (2008) organizado pelo teólogo João Cesário Leonel Ferreira, ligado a Associação Brasileira de História das Religiões.

## **2.1 Da história das mulheres as questões de gênero: estudos sobre a mulher na religião protestante no Brasil**

Segundo a historiadora Margareth Rago, a partir da década de 1970 estudiosas das Ciências Humanas e Sociais se dedicaram a escrita de uma história social das mulheres. Influenciada pela episteme marxista, essa história social objetivava analisar as opressões patriarcais e classistas da sociedade capitalista para com as mulheres trabalhadoras, lidas como apenas vítimas desta sociedade. Temas que envolviam o universo do trabalho como “as péssimas condições de trabalho, os salários inferiores aos dos homens, o assédio sexual” (RAGO, 1995, p. 82) foram os mais abordados.

Rago (1995) demonstra que na década de 1980 uma segunda fase dos estudos históricos sobre a mulher surge. Diferindo dos estudos da década anterior e influenciados pelos estudos críticos ao marxismo do historiador E. P. Thompson, neste período as historiadoras se dedicam ao um “conjunto de estudos preocupados em revelar a presença das mulheres atuando na vida social, reinventando seu cotidiano, criando estratégias informais de sobrevivência, elaborando formas multifacetadas de resistência à dominação masculina e classista”. (RAGO, 1995, p. 82). Outros temas como prostituição, a loucura, a família, a sexualidade, o poder, o amor, passam a ser versados.

Ainda neste período, estudiosos pós-estruturalistas a exemplo do filósofo francês Michel Foucault, tecem críticas a História Social pois trabalham com “identidades prontas, anteriores ao fazer histórico, e por negligenciar as construções simbólicas e culturais dos agentes em suas experiências de vida” (RAGO, 1995, p. 85).

Nesse segmento, a historiadora Joan Scott alerta para o fato de que a história social desenvolvida por E. P. Thompson sobre a classe trabalhadora inglesa, ao privilegiar o sujeito homem, invisibiliza a mulher. Para Rago (1995) Scott:

questiona a representação masculina que Thompson oferece da política e da classe, o que inviabiliza sua percepção das ações e presenças femininas

enquanto construções sociais e culturais diferenciadas. Sua concepção masculina da política só permite vê-las em espaços onde se encontram à margem dos homens, e suas reflexões e propostas soam como delírios evanescentes ao lado dos discursos masculinos sempre racionalmente articulados. (RAGO, 1995, p.86)

Destacamos que ao se avizinhar da tendência pós-estruturalista a História Cultural, contribuiu para o desdobramento dos Estudos sobre as mulheres, nos Estudos de Gênero e portanto da categoria gênero, útil para análise histórica segundo Scott (1995).

Influenciada pelos estudos das mulheres, da psicanálise, da linguística, dos estudos da sociologia, e utilizada pela primeira vez pelas feministas anglos saxãs, a categoria de análise gênero emerge na década de 1980, como um aporte para pesquisas acadêmicas sobre como as diferenças sexuais de mulheres e homens são utilizadas para construção das identidades de ambos em sociedade. Segundo a historiadora Lidia Maria Possas, a categoria de análise, possibilita através dos estudos de gênero a compreensão de como:

Os papéis normativos, os comportamentos atribuídos a homens e mulheres e a relação entre os sexos não são discursos neutros, mas representações construídas repletas de significados e de relações de poder. (Possas, 2004 citado por Gonçalves 2015, p.74)

No Brasil, Louro (2013) afirma que a categoria é incorporada aos Estudos Feministas no final da década de 1980, sendo os estudos sobre as mulheres desenvolvidos pela História e pela Sociologia, desde a década de 1970.

A partir da tendência da história cultural na década de 1980, as produções historiográficas brasileiras sobre as mulheres, abarcam a categoria gênero, objetivando analisar de forma relacional mulheres e homens como produtos de práticas culturais

Para análise sobre as mulheres e sua relação com a Igreja Evangélica Congregacional de Campina Grande, foi necessário pesquisar sobre o tema que resultou no levantamento das obras e produções acadêmicas que problematizam a posição da mulher em igrejas protestantes, numa perspectiva nacional e regional, aja vista que os trabalhos sobre o papel social da mulher evangélica a nível estadual e local não contemplam tal temática de forma abrangente.

Ao longo deste levantamento, foi percebido a escassez de trabalhos sobre o assunto no que tange a produção historiográfica. Fato que evidencia uma lacuna nos estudos históricos sobre a mulher evangélica de forma geral. Os estudos nas áreas de Ciências Sociais e Teologia são os que abarcam com maior propriedade a temática.

Desta forma, a nível nacional se destaca a tese de doutorado em ciências sociais da socióloga Lidiane Cordeiro Rafael de Araújo "Religião, poder e conflitos de gênero: estudo sobre as missionárias da AIECB (Aliança das Igrejas Congregacionais do Brasil)" (2013). Única encontrada sob a perspectiva da Igreja Congregacional que problematiza o lugar que a mulher exerce na função de missionária dentro das igrejas Congregacionais.

Fazendo uso de fontes orais como entrevistas, questionários e biografias de missionárias pioneiras da Aliança das Igrejas Congregacionais do Brasil, a socióloga investiga as relações de poder presentes na hierarquia entre homens e mulheres que fazem parte do corpo da instituição, questionando o fato de as missionárias serem vistas como reprodutoras de uma ordem e não como sujeitos históricos.

Sob a perspectiva da igreja Luterana e o olhar da Teologia, encontramos a dissertação “Mulheres e ordenação (na IECLB): novos modelos e outras possibilidades na vivência cotidiana do ministério ordenado”(2010) de Ligiane Taiza Muller Fernandes. Tendo como objetivo visibilizar os desafios encontrados pelas mulheres que atuam no ministério da Igreja Luterana, a teóloga aborda historicamente a inserção da mulher no espaço da Igreja, utilizando a hermenêutica do discurso e a hermenêutica feminista para análise de entrevistas, dados e documentos sobre o ministério de mulheres de denominações evangélicas luteranas presentes no Brasil.

Analisando por fim, as práticas e os discursos das mulheres ordenadas para o ministério, esta pesquisa mostra que nas igrejas luteranas a mulher consegue exercer funções de pastoras, presbíteras, diaconisas evangelistas, missionárias, espaço mais abrangente que os permitidos as mulheres de outras denominações.

A nível regional, a dissertação “Religião e mulher: liderança feminina no pentecostalismo evangélico” (2009) de Fernanda Honorato Miranda, se sobressai visto que sua proposta visa problematização do trabalho ministerial de pastoras de denominação evangélica pentecostal em igrejas da região metropolitana de Natal, capital do estado do Rio Grande do Norte. Inserida nos estudos sociológicos, esta pesquisa, analisa como é exercido o trabalho das pastoras buscando compreender se a inserção da mulher evangélica neste espaço de poder diminui as diferenças entre os gêneros dentro das igrejas em que estas mulheres atuam.

Para tanto, a socióloga fez uso de entrevistas semiestruturadas com pastoras, pastores e fies do sexo feminino e masculino. Esta também discorre sobre a mulher e sua participação na tradição cristã e no processo de formação do pentecostalismo evangélico, sobre os estudos de gênero e religião, destacando as pesquisas no campo da Teologia Feminista apontando como a liderança da mulher no ministério ordenado é recente.

Quanto às pesquisas estaduais e locais sobre a mulher e sua relação com igrejas protestantes, localizamos a pesquisa: “As práticas e representações femininas no protestantismo de Campina Grande: a Igreja Evangélica Congregacional (1927-1960)” de Cleófas Lima Alves de Freitas Júnior. Nessa dissertação o historiador propõe analisar historicamente a fabricação das práticas e representações das mulheres integrantes da Igreja Evangélica Congregacional, entre o final da década de 1920 e década de 1960.

Fazendo uso dos aportes teóricos da história social inglesa e da história cultural, o autor faz uso de uma “historiografia inclusiva” que visibilize mulheres comuns, suas submissões e transgressões com relação a igreja. Ele analisa os documentos da igreja (estatutos, atas e hinário); e os depoimentos de quatro idosas que desde a infância integram a instituição religiosa.

Por fim, a pesquisa historiográfica, fruto de um trabalho de conclusão de curso “Protestantismo e atuação feminina: um estudo de caso da Igreja Evangélica Batista Shalom em Campina Grande – PB”. Investiga como as mulheres da Igreja Evangélica Batista Shalom- Monte Castelo, localizada na cidade de Campina Grande, atuam enquanto ocupantes de cargos de liderança da igreja. Em entrevistas realizadas com diaconisas, líderes de departamentos e esposas de pastores, a historiadora mostra como essas mulheres mesmo ocupando funções importantes, demonstram submissão, associando seus cargos muito mais aos desígnios divinos do que conquistas sociais em espaços de poder.

Desta forma, as pesquisas citadas são relevantes para o desenvolvimento de nossa pesquisa uma vez que evidenciam o cenário no qual a mulher evangélica se

encontra exercendo seus papéis sociais dentro das igrejas sejam elas Congregacionais, Luteranas ou Pentecostais, permitindo análise do paralelo dos lugares ocupados por estas mulheres em relação aos homens, sobre uma perspectiva relacional de gênero.

### **3 MULHERES CONGREGACIONAIS E SUAS PRÁTICAS NA UNIÃO AUXILIADORA CONGREGACIONAL**

Em sua dissertação sobre as práticas e representações femininas do protestantismo na cidade de Campina Grande entre os anos de 1927 e 1960, o historiador Cleófas Lima Alves de Freitas Júnior relata que a primeira igreja protestante de denominação Congregacional foi implantada no Brasil no ano de 1855 na cidade do Rio de Janeiro, através das ações evangelizadoras dos missionários ingleses Robert Reid Kalley e Sarah Pouth Kalley.

Denominada de Igreja Evangélica Fluminense, foi a primeira igreja em língua portuguesa do país, e segundo De Freitas Jr. (2010) apesar do pouco poder institucional e numérico foi fundamental para formação das igrejas protestantes no Brasil.

No Nordeste, a primeira Igreja Congregacional denominada Igreja Evangélica Pernambucana, foi implantada em 1873 e integrava um projeto de expansão da religião para a região, o que culminou com a fundação da primeira igreja protestante Congregacional na cidade de Campina Grande no ano de 1927. Atualmente localizada no endereço rua Treze de Maio, n. 250, Centro, foi fundada sob o ministério do pastor João Clímaco Ximenes, ela contava na época com cerca de 90 integrantes e uma Escola Bíblica Dominical com 150 alunos.

Atualmente a Igreja Evangélica Congregacional Central de Campina Grande está organizada em diretorias, subdivididas em departamentos e organizações. Cada departamento é composto pelos: Departamento de Missões Gerais (DEMIG), Secretariado Eclesiástico, Missão Evangelizadora do Nordeste. Às organizações, são integradas: a Equipe de Direção Geral (EDG), a União dos Homens Congregacionais (UHC), União de Mocidade Evangélica Congregacional (UMEC), União de Adolescentes Congregacionais (UAC), a União Auxiliadora Congregacional (UAC) e a Sociedade Coral Robert Reid Kalley.

Formada por mulheres, a União Auxiliadora<sup>2</sup> Congregacional, única das uniões da igreja que não é nomeada a partir da definição de gêneros (mulher) ou da faixa etária, é um lugar no qual observamos no decorrer de nosso trabalho, em que as mulheres congregacionais exercem suas práticas de forma sistemática dentro da Igreja.

Em artigo do dia 18 de outubro de 2015, retirado da revista “Vida Cristã”<sup>3</sup> e publicado no site oficial da Igreja Evangélica Congregacional Central, intitulado “Mulheres Influenciaram, de forma decisiva, o congregacionalismo brasileiro” é narrada a trajetória da União Auxiliadora Congregacional. No ano de 1871, 16 anos após sua chegada ao Rio de Janeiro a missionária Sarah Poulton Kalley inaugura a “Sociedade de Senhoras” posteriormente “União Feminina” e por último “União

---

<sup>2</sup> Segundo o Dicionário Aurélio Online, *Auxiliadora* é o feminino de auxiliador. O mesmo que: assessora, colaboradora. Neste sentido, pode ficar entendido que a existência do grupo da União e a prática das mulheres que compõem o grupo se resume a colaboração, não englobando práticas na qual as mulheres sejam protagonistas dentro da igreja.

Auxiliadora Congregacional”, na Igreja Evangélica Fluminense fundada por ela e seu esposo o missionário Robert Kalley. Frente aos costumes patriarcais do Império em que as mulheres só podiam sair à rua acompanhadas, a missionária Sarah Kalley encontrou obstáculos para formação da “Sociedade de Mulheres”.

Inicialmente apenas três senhoras alemãs que frequentavam a igreja compuseram a Sociedade de mulheres. Naquele contexto, este número aumentou para onze e posteriormente quatorze mulheres. As reuniões da Sociedade, segundo o artigo, ocorriam às terças-feiras a partir das 15h00. As atividades desenvolvidas pelas sócias incluíam a leitura de capítulos da Bíblia que deveriam ser decorados e repetidos em datas posteriores, visitas as outras integrantes da Igreja, a fim de levar apoio espiritual e a realização de trabalho assistencialista aos pobres que integravam a comunidade religiosa.

Ainda segundo o artigo, a ideia da missionária Sarah Kalley de organizar grupos de mulheres na Igreja se expandiu para outras igrejas espalhadas pelos estados do Brasil.

Neste sentido, a partir da década de 1940 para unificar as “Uniãoes Auxiliadoras” foram criadas as Federações, sendo a primeira delas a Federação do Nordeste em Campina Grande no ano de 1942 e posteriormente a Federação do Sul no ano de 1943 na cidade de São Paulo. Para unificar as Federações que se multiplicavam, foi criada a “Confederação das Uniãoes Auxiliadoras Femininas” pertencente a “União das Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil” e responsável pela publicação trimestral da já citada revista “Vida Cristã” desde o ano de 1953.

Em memória da “Sociedade de Senhoras” e segundo o artigo, “em homenagem às mulheres” foi criado o Dia da Mulher Congregacional, celebrado na data de 11 de julho, dia da fundação da “Sociedade de Senhoras” no século XIX, integrado ao calendário das denominações das Igrejas Evangélicas Congregacionais do país.

Em um outro artigo intitulado “UAC- Festividade dos 73 anos” publicado no dia 31 de outubro de 2015, é narrado que a partir da Federação do Nordeste a “Sociedade de Senhoras” passou a se denominar como “União de Senhoras”, em seguida “União Feminina” e finalmente “União Auxiliadora Congregacional” integrante de todas as denominações do Nordeste.

Na cidade de Campina Grande, a atual presidente da União Auxiliadora Congregacional, D. relata que o seu primeiro contato com a religião protestante ocorreu na infância. Quando perguntamos sobre como isso ocorreu ela relata que: “através do meu pai. Era ele que trazia a gente pra Igreja. Desde criança eu sempre [...] desde que eu tenho recordação eu já tava na Igreja. Não tem assim uma data que eu comecei porque eu já vinha acompanhando eles”. (informação verbal<sup>4</sup>).

Já M, vice-presidente da União Auxiliadora Congregacional, possui uma experiência diferente da presidente da UAC D., tendo seu primeiro contato com a religião durante a fase adulta de sua vida, aos 25 anos e em um momento no qual ela necessitava de apoio, devido o período de uma gravidez, que segundo ela foi de “dificuldade”. Sendo assim, quando perguntada sobre como conheceu a religião protestante, ela nos relata que:

Eu conheci a religião protestante através de alguns vizinhos, de algumas amigas. Só que pra me converter mesmo foi no ano de 1994. Né, passei

---

<sup>4</sup> Entrevista concedida por D. à pesquisadora em 2018

assim um processo da minha gravidez, uma dificuldade, uma vizinha minha que era evangélica me ajudou muito, assim, me evangelizou e ano de 94 eu fiz minha decisão. (informação verbal<sup>5</sup>).

Ambas, respectivamente presidente e vice presidente da UAC assumiram seus cargos no ano de 2018, desde então vem exercendo funções específicas naquele grupo dentro da igreja. Quando perguntamos se estão satisfeitas com as funções que lhes foram atribuídas, D. responde que: “Sim. Sempre gostei de trabalhar na Igreja. No Departamento. Já venho de outras igrejas que eu também já andei sempre exercendo essa atividade no Departamento de Mulheres” (informação verbal<sup>6</sup>). Como observamos em sua fala, D. afirma que se sente satisfeita com a função que exerce e que além disso, possui um histórico de trabalho desenvolvido no que ela nomeia de “departamento de mulheres” desde outras igrejas.

Chamamos atenção para o fato de que mesmo não sendo nomeado pelo gênero “mulher” em alguns momentos as entrevistadas vão se referir a União Auxiliadora Congregacional como um “departamento de mulheres” ou “feminino” dentro da Igreja. Foi o caso quando perguntamos se as entrevistadas exercem alguma função na Igreja. M. responde que é vice-presidente da “Auxiliadora Feminina Congregacional”.

A senhora M. também respondeu de forma afirmativa a quando perguntamos sobre a satisfação em relação a sua função. Segundo ela: “Me sinto muito satisfeita. É um trabalho que me dignifica muito. Amo esse trabalho, faço por amor e principalmente porque com mulheres, com senhoras, né? Um departamento assim, bem ‘abençoador’” (informação verbal<sup>7</sup>). Aqui por sua vez, a vice presidente da UAC M. além afirmar satisfação, também enfatiza que mais que um trabalho, sua função como vice presidente da UAC é digna, motivada por afeto e pelo fato de ser um espaço no qual mulheres estão inseridas, portanto “louvável”.

A satisfação de ocuparem os cargos nos quais exercem suas funções para o trabalho na UAC, se expressa também no sentimento de integração àquele grupo formado especificamente por mulheres da Igreja, com atividades específicas. Como ocorre com a resposta da senhora D. sobre quando indagamos se ela gostaria de exercer outra função, a mesma nos responde que: “Não. Eu gosto muito do louvor e a gente tem um grupo de louvor de mulheres. Então eu tô integrada ai (risos) dentro do que eu gosto mesmo” (informação verbal<sup>8</sup>).

Da mesma forma a senhora M. responde com uma negativa a pergunta que elaboramos sobre o exercício de outra função na Igreja. Ela aponta que sua função foi designada por Deus e que tudo que tem de acontecer tem um tempo e é de acordo com a aquilo que este Deus projeta. Portanto, esta não seria uma escolha sua. Não à toa ela diz não almejar outra função. Ao mesmo tempo em que afirma de forma contraditória que se lhe for “espontaneamente” designada outra função, que seja abençoada, ela exercerá. Vejamos abaixo:

Não. Eu tô muito satisfeita nessa função. E assim, a gente, nós evangélicos trabalhamos sempre assim, conforme Deus vai colocando. Tem tempo pra tudo. Tô nesse departamento agora, e realmente assim, hoje não almejo outro. Mas assim, se acontecer, se

<sup>5</sup> Entrevista concedida por M. à pesquisadora em 2018

<sup>6</sup> Entrevista concedida por D. à pesquisadora em 2018.

<sup>7</sup> Entrevista concedida por M. à pesquisadora em 2018.

<sup>8</sup> Entrevista concedida por D. à pesquisadora em 2018.



espontaneamente acontecer, e for bem assim pra me abençoar, com certeza eu exercerei. (informação verbal<sup>9</sup>).

Outra questão na qual observamos comum acordo nas respostas ocorreu quando perguntamos se para as duas senhoras, homens e mulheres podem exercer as mesmas funções dentro da igreja. Observamos que as respostas de ambas partiram do que é instituído pela doutrina da Igreja Evangélica Congregacional Central de Campina Grande.

Sendo assim, D. nos responde que: “É, pela nossa denominação Congregacional não. Porque é assim, na nossa igreja as mulheres não exercem os papéis de pastora, de presbítera, de diaconisa” (informação verbal<sup>10</sup>). M. além de afirmar que não é possível que homens e mulheres exercem as mesmas funções, destaca que em alguns departamentos tanto mulheres quanto homens podem ocupar cargos de liderança, como é o caso do Departamento de Missões:

Não. Existem departamentos, né que, inclusive na liderança tem tanto homens como mulheres. Por exemplo, Departamento de Missões, na direção, na liderança deste departamento, tem tanto homens quanto mulheres e em outros departamentos também. (informação verbal<sup>11</sup>).

As práticas das mulheres na igreja está relacionada não apenas ao lugar que as mulheres ocupam na União Auxiliadora Congregacional, mas também as atividades desenvolvidas por elas. Quando perguntamos a presidente da UAC, D. sobre estas atividades, ela nos respondeu que “nós temos muitas atividades o ano inteiro” (informação verbal<sup>12</sup>).

A partir dessa afirmação inicial a fala de D. se torna bastante extensa em comparação com as outras falas referentes à perguntas anteriores. Para que nossa análise seja melhor compreendida, dividimos a resposta da presidente da UAC por temas.

Primeiro tema que abordaremos é o da organização. Segundo a fala de D. a UAC se organiza a partir de reuniões e estas reuniões, são divididas entre a parte devocional e a parte administrativa. Inicialmente abre-se espaço para uma assembleia na qual são lidos relatórios, atas de reuniões anteriores e das ofertas dos grupos internos que são formados na UAC. São distribuídos lanches e sorteados brindes. Vejamos a seguir detalhes de como estas reuniões acontecem:

Temos reuniões mensais nos reunimos toda segunda-feira do mês, a noite na igreja. Fazemos a nossa assembleia. É uma reunião que tem a parte devocional, e depois vem as leituras dos relatórios do mês anterior, as ofertas que entraram, é dos grupos porque somos divididas em grupos, atualmente temos seis grupos. É, em que foi gasto esse valor, o relatório das entradas das saídas, das despesas com os seus respectivos comprovantes. Então nós temos nessa reunião também, a leitura da ata, da assembleia anterior, leitura do balancete financeiro, distribuição de cestas básicas, distribuimos entre treze e quinze cestas todo mês. Servimos um lanche e fazemos também sorteios. Eu sempre ganho, recebo doações de

<sup>9</sup> Entrevista concedida por M. à pesquisadora em 2018.

<sup>10</sup> Entrevista concedida por D. à pesquisadora em 2018.

<sup>11</sup> Entrevista concedida por M. à pesquisadora em 2018.

<sup>12</sup> Entrevista concedida por D. à pesquisadora em 2018.

livros, então a gente aproveita também e faz esse sorteio na assembleia. (informação verbal<sup>13</sup>)

O trabalho assistencial não se restringe apenas a distribuição de cestas. Fora da igreja, através do trabalho missionário de um pastor da Igreja Congregacional e sua esposa, missionária na Sérvia, as mulheres da UAC contribuem com o que D. nomeia de “oferta”, que para nós ficou entendido como uma quantia que é enviada mensalmente para que o casal, afim de ajudar no trabalho desenvolvido por eles com povos ciganos. A presidente da UAC justifica o trabalho dos missionários devido a intolerância sofrida pelos povos ciganos na Europa, em sua fala ficou entendível que o trabalho missionário acolheria os ciganos atenuando seu sofrimento e que a UAC ao contribuir com uma oferta também faz isso:

e mais uma informação é que nós também enviamos mensalmente uma oferta para uma missionária que trabalha na Sérvia com ciganos. É uma casal [...]M.e sua esposa C. né, tem um trabalho lindo, lindo na Sérvia com ciganos, uma classe que é desprezada lá na Europa, então eles querem as autoridades, as pessoas querem expulsar eles do país. Então ele tem esse trabalho lindo com eles e também nosso departamento envia todo mês uma pequena oferta pra este trabalho também todo mês na Sérvia. Então eu acredito que essa visão aí só o nosso departamento que tem ali e Deus tem abençoado, graças a Deus. (informação verbal<sup>14</sup>)

As reuniões externas também fazem parte da organização da UAC. Elas ocorrem mensalmente nas casas das sócias da União, onde os grupos internos precisam estar presentes. Semelhante às reuniões internas que ocorrem na igreja, nelas são realizadas assembleias, sorteios e segundo D. apesar de cansativas, costumam ser bem compensatórias:

Todo mês elas fazem uma reunião na casa de uma das sócias do seu grupo. Então todo mês há seis reunião nos lares. Então na Assembleia elas trazem o relatório “a reunião foi na casa da missionário tal levou a palavra” é bem boa essa reunião, elas fazem dinâmica, fazem, sorteio, é uma reunião muito gostosa. Sempre acontece no sábado à tarde. Então é maravilhoso sabe? É maravilhoso, eu só tenho que agradecer a Deus porque é um privilégio. É muito cansativo porque é muita coisa, mas o senhor nos renova e a gente segue em frente, assim com maior prazer né? (informação verbal<sup>15</sup>).

A presidente da UAC ainda destaca que na atual gestão ocorreu a formação de um conjunto chamado “Adoradores do Rei” o conjunto integra a programação dos intercâmbios que são realizados entre as igrejas congregacionais da cidade de Campina Grande:

esse conjunto tem quase trinta mulheres, então a gente participa também em outras igrejas [...] fazemos intercâmbio também né? Isso dai intercâmbio, com todas as Igrejas Congregacionais da cidade. Então cada mês o intercâmbio é numa Igreja. No mês de agosto foi na nossa igreja, foi maravilhosos né? Esses intercâmbios contam com cerca de doze, treze

<sup>13</sup> Entrevista concedida por D. à pesquisadora em 2018.

<sup>14</sup> Entrevista concedida por D. à pesquisadora em 2018.

<sup>15</sup> Entrevista concedida por D. à pesquisadora em 2018.

conjuntos. Cada igreja vem e traz o seu conjunto, então a gente vem e dá oportunidade a elas e depois servimos um lanche pra todo mundo. Trazemos um pregador, um pastor. Então a gente segue assim, é uma benção, é uma benção mesmo (informação verbal<sup>16</sup>).

Outra questão citada relativa à gestão atual, é a da conquista da União Auxiliadora Feminina de um espaço no terreno da igreja, especificamente duas salas em uma casa anexa ao prédio da instituição. A partir da fala da presidente da UAC, D. a conquista do espaço é motivo de celebração, pois garantiu a salvaguarda do que ela chama de “patrimônio do departamento” que nada mais é do que materiais e utensílios pertencentes a UAC disponíveis para uso durante a realização dos eventos da igreja:

E pra glória de Deus esse ano também na nossa gestão nós adquirimos uma sala na Igreja, na casa, no anexo né da Igreja, para o nosso departamento, porque nós temos o patrimônio do departamento, toalhas de mesa bandejas, jarros arranjos, é material de decoração, garrafa, garrafão térmico pra nossos eventos, é temos lembrancinhas então é muita coisa o patrimônio do departamento, ai nós, esse material ficava espalhado na casa das irmãs então temos uma sala muito boa, são dois ambientes e nessa sala a gente tá colocando tudo que é nosso e a chave fica comigo, só eu tenho acesso, pra que a gente tenha nosso material ali na Igreja mesmo, disponível pra quando precisar e é isso.(informação verbal<sup>17</sup>).

As “visitações” são outra prática na qual as mulheres que fazem parte da UAC encontram de se integrarem as congregações de outras cidades. Compondo um total de trinta e uma congregações espalhadas por diversas cidades da Paraíba, cada uma dessas igrejas, assim como a Congregacional Central de Campina Grande, possui o que a presidente da UAC chama de “departamento de mulheres”.

Ao explicar o que são essas congregações, D. as denomina como “filhas da igreja” que necessitam da assistência dela, enquanto presidente da UAC. Observamos mediante sua fala que a relação estabelecida entre ela, dirigente da UAC pertencente a Igreja Congregacional Central de Campina Grande e as mulheres dos departamentos das demais congregações se assemelha ao uma relação quase que maternal:

E nós fazemos trabalho de visitação nas outras congregações, já fomos a Baraúna, Itatuba, é Galante, teve outras aí que a gente visita também. São congregações que são o que, são filhas da igreja, então cada uma tem seu departamento de mulheres e no caso como eu sou a presidente daqui, eu preciso dar assistência também a elas nas congregações né, são trinta e uma congregações, né, Santa Luzia, Monteiro, Ouro Velho, Sumé, é muito é muito mesmo, é muito trabalho né? (informação verbal<sup>18</sup>).

Outra atividade promovida pelas mulheres congregacionais da UAC diz respeito aos eventos organizados. Através da fala da presidente da União, notamos que o que mais se evidencia é o “Dia da Mulher Congregacional” seguido dos brechós. Como já abordamos, este dia faz parte do calendário de todas igrejas

<sup>16</sup> Entrevista concedida por D. à pesquisadora em 2018.

<sup>17</sup> Entrevista concedida por D. à pesquisadora em 2018.

<sup>18</sup> Entrevista concedida por D. à pesquisadora em 2018.

Congregacionais do Brasil. Ele foi criado para homenagear as mulheres da igreja e em lembrança da antiga “Sociedade de Senhoras” *célula mater* da União Auxiliadora Congregacional, fundada pela missionária Sarah Pouth Kalley no século XIX. Quanto ao brechó, mais uma vez foi percebido o assistencialismo para com as congregações do interior, uma vez que as peças não vendidas no brechó da Congregacional Central de Campina Grande, são encaminhadas para as igrejas de outras cidades:

Os eventos você tá a par né? que é o Dia da Mulher Congregacional que foi comemorado no Golden, é chá que nós realizamos, a semana anterior, dia quatorze de setembro. Esse sábado agora nós realizamos um brechó também na Igreja, abençoamos as comunidades as congregações das igrejas do interior né? O material que sobrou do brechó, eles vão aproveitar pra vender lá e vão realizar também um bazar (informação verbal<sup>19</sup>).

Por fim, D. relata que todo este trabalho realizado pelas mulheres que compõe a União Auxiliadora Congregacional, são realizados com amor e para Deus, algo que ultrapassa o entendimento institucional do trabalho. Como se fosse uma retribuição pelo sacrifício de Jesus Cristo, o trabalho feito na e a partir da Igreja Evangélica Congregacional Central mediante a tais práticas é uma forma de retribuir:

Pra glória de Deus a gente tem muito trabalho e fazemos isso com muito amor, pois fazemos isso para o Senhor, fazemos para o Senhor. Ele é a razão de tudo e é pra glória Dele, [...] nós servimos a Cristo, Nosso Senhor e foi quem deu a vida por nós. Mas trabalhamos em harmonia em concordância, tudo que fazemos na igreja fazemos em concordância com nossos pastores, certo (informação verbal<sup>20</sup>).

Neste sentido, compreendemos que além de um trabalho institucional, D. presidente da União Auxiliadora Congregacional, entende que suas práticas, assim como as práticas das demais mulheres integrantes da UAC é uma prática de fé voltada para a religião no sentido de servir a um deus.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao termino deste trabalho compreendemos que segundo as entrevistas realizadas com a presidente e vice-presidente da União Auxiliadora Congregacional as mulheres da Igreja Evangélica Congregacional Central de Campina Grande vem exercendo suas práticas religiosas.

Estas práticas estão relacionadas as atividades desenvolvidas na UAC que vão desde a organização de reuniões internas e externas do grupo, formado exclusivamente por mulheres, até contribuição para trabalho de evangelização de missionários da igreja no exterior, todas no sentido do apoio a igreja, e nunca do protagonismo.

Destacamos que para que fosse possível uma abordagem sobre religião protestante e a mulher, foi necessário percorrer um caminho que envolveu os estudos historiográficos sobre o protestantismo que resultaram na construção do campo da História Cultural das Religiões e os Estudos sobre a mulher que culminaram no desenvolvimento dos Estudos de Gênero. Articulados estes

<sup>19</sup> Entrevista concedida por D. à pesquisadora em 2018.

<sup>20</sup> Entrevista concedida por D. à pesquisadora em 2018.

estudos contribuem de forma significativa para pesquisas acadêmicas que se estruturam neste sentido.

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **História dentro da História**. In: PINSKY, C. B. (org.) Fontes Históricas . São Paulo: Contexto, 2008. p.155. Disponível em: [http://gephispnop.weebly.com/uploads/2/3/9/6/23969914/fontes\\_historicas\\_carla\\_bassanezi\\_pinsky.pdf](http://gephispnop.weebly.com/uploads/2/3/9/6/23969914/fontes_historicas_carla_bassanezi_pinsky.pdf). Acesso em 09 de novembro de 2019.

ARAÚJO, L.C.R. de. **Religião, poder e conflitos de gênero**: estudo sobre as missionárias da AIECB (Aliança das Igrejas Congregacionais do Brasil). 2013. 189 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2013. Disponível em: <http://ppgcs.sti.ufcg.edu.br/wp-content/uploads/2013/05/Tese-final-maio-pdf.pdf>. Acesso em: 20 de julho de 2018.

DE FREITAS JR. C. L. **As práticas e representações femininas no protestantismo de Campina Grande**: a Igreja Evangélica Congregacional (1927-1960). 2010. 161 f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em História)- Programa de Pós Graduação em História, João Pessoa. Acesso em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/6023/1/arquivo%20total.pdf>. Disponível em 09 de novembro de 2019.

DIP, Andrea; DOLCE, Julia Dolce; MACIEL, Alice. **Mulheres virtuosas**: Obediência e submissão é o que se espera das mulheres evangélicas, que têm na ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos sua maior propagandista. Disponível em: <https://apublica.org/2019/05/mulheres-virtuosas/>. Acesso em 11 de dezembro de 2019.

FERNANDES, L.T.M. **Mulheres e ordenação (na IECLB)**: novos modelos e outras possibilidades na vivência cotidiana do ministério ordenado. 2010. 108 f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Teologia)- Programa de Pós Graduação Teologia e História, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo. Disponível em: [http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/186/1/fernandes\\_ltm\\_tm237.pdf](http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/186/1/fernandes_ltm_tm237.pdf). Acesso em 09 de novembro de 2019.

GONÇALVES, A. L. **A categoria gênero**. In: \_\_\_\_\_ História & Gênero. Belo Horizonte, Autêntica, 2015. p. 72-77. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/383691597/Historia-Genero-Andrea-Lisly-Goncalves-pdf>. Acesso em 09 de novembro de 2019.

LOURO, G. L. **A emergência do gênero**. In: \_\_\_\_\_ Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, 2013. p. 18-40. Disponível em: <https://bibliotecaonlinedahisfj.files.wordpress.com/2015/03/genero-sexualidade-e-educacao-quacira-lobes-louro.pdf>. Acesso em 09 de novembro de 2019.

MIRANDA, F. H. **Religião e mulher**: liderança feminina no pentecostalismo evangélico. 2009. 86 f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Ciências Sociais)- Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais, Natal. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/13579>. Acesso em 09 de novembro de 2019.

PETERS, José Leandro. **A História das Religiões no contexto da História Cultural**. In: Faces de Clio: Revista Discente do Programa de Pós- Graduação em História- UFJF, Juiz de Fora, v.1, n. 1, ano 1, p. 87-104, jun/jul. 2015. Disponível em: <http://www.ufjf.br/facesdeclio/files/2014/09/1.6.Artigo-Jos%C3%A9.pdf>. ISSN: 2359-4489. Acesso em: 20 de julho de 2018.

RAGO, Margareth. **As mulheres na historiografia brasileira**. In: SILVA, Z. L. (Org.). Cultura Histórica em Debate. São Paulo: UNESP, 1995. p. 88-91. Disponível em: [https://historiacultural.mpbnet.com.br/artigos.genero/margareth/RAGO\\_Margareth-as\\_mulheres\\_na\\_historiografia\\_brasileira.pdf](https://historiacultural.mpbnet.com.br/artigos.genero/margareth/RAGO_Margareth-as_mulheres_na_historiografia_brasileira.pdf). Acesso em 09 de novembro de 2019.

SOUZA, B. O. **Historiografia protestante no Brasil: percursos e perspectivas**. In: Revista Mosaico, v.5, n. 2, p. 171-179, jul/dez. 2012. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/mosaico/article/view/2502/1557>. Acesso em 20 de julho de 2018.

VASCONCELOS, J. Z. da Silva. **Protestantismo e atuação feminina: um estudo de caso da Igreja Evangélica Batista Shalom em Campina Grande – PB**. Campina Grande. 63 f. (Graduação em História). Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/7936/1/PDF%20-%20Josefa%20Zelia%20da%20Silva%20Vasconcelos.pdf>. Acesso em 09 de novembro de 2019.

## APÊNDICE

### APÊNDICE A: QUESTIONÁRIO PARA ENTREVISTA

- 1- Dados da identificação:
  - Nome:
  - Idade:
  - Escolaridade:
  - Profissão:
- 2- Quando conheceu a religião protestante?
- 3- A senhora exerce alguma função na Igreja? Qual?
- 4- Se sente satisfeita com a sua função?
- 5- A senhora gostaria de exercer outra função?
- 6- Acredita que dentro da Igreja as mulheres e os homens podem exercer as mesmas funções?
- 7- Quais as atividades desenvolvidas pela UAC?